



## MÉTODOS EDUCACIONAIS PARA A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

José João Soares FILHO<sup>1</sup>

Márcia Aparecida Rodrigues MATEUS<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente artigo teve como objetivo geral investigar o processo ensino/aprendizagem das crianças com “TEA”, bem como os métodos e as estratégias disponíveis para lidar com esse processo e como objetivos específicos: a) investigar os métodos educacionais voltados para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA); b) Seus idealizadores e como foram desenvolvidos tais métodos. Para a realização deste estudo os principais autores pesquisados foram: Bastos (2018); Capellini e Rodrigues (2009); Capellini, Shibukawa e Rinaldo (2016); Mathias (2017); Schmidt (2016); Souza, Marques e Pereira (2018); entre outros autores e demais sites que tratam desta temática. Os resultados sinalizam que há muitos métodos que já são utilizados, outros ainda sendo testados e ainda há métodos que ainda estão sendo desenvolvidos, cada qual com seus objetivos, tendo em vista que não um único método de intervenção para o TEA que trate todos os seus sintomas ao mesmo tempo, mas sim, cada método em si aborda uma dificuldade específica do autismo e se compromete em contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos autistas nesta dificuldade específica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Métodos educacionais, Transtorno do Espectro Autista, alfabetização.

### Abstract:

The general objective of this article was to investigate the teaching/learning process of children with "ASD", as well as the methods and strategies available to deal with this process and the specific objectives were: a) to investigate the educational methods aimed at children with Autistic Spectrum Disorder (ASD); b) their creators and how such methods were developed. To carry out this study, the main authors researched were: Bastos (2018); Capellini and Rodrigues (2009); Capellini, Shibukawa and Rinaldo (2016); Mathias (2017); Schmidt (2016); Souza, Marques and Pereira (2018); among other authors and websites that deal with this theme. The results signal that there are many methods that are already used, others still being tested and there are still methods that are still being developed, each with its own objectives, bearing in mind that there is not a single intervention method for ASD that treats all its symptoms at the

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí (UFMS/CPNV). Pós-graduando em Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), Educação Infantil e Anos Iniciais e AEE – Atendimento Educacional Especializado ambos pelo Instituto Super na modalidade EaD. [Joseepaula0909@gmail.com](mailto:Joseepaula0909@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Letras, na linha de pesquisa Linguística e Transculturalidade pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Docente da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV).  
E-mail: [marcia.mateus@ufms.br](mailto:marcia.mateus@ufms.br)

same time, but rather, each method itself addresses a specific difficulty of autism and undertakes to contribute to the development of autistic individuals in this specific difficulty

**KEYWORDS:** Educational methods, Autistic Spectrum Disorder, literacy.

## 1 - INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como título “Métodos Educacionais para a Alfabetização de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)”, no qual tratou sobre o trabalho desenvolvido para alfabetizar essas crianças que podem ter mais dificuldades do que qualquer outra por conta do TEA.

Quando falamos em transtorno do espectro autista, anteriormente chamado apenas de autismo, surgem várias perguntas a seu respeito, muitas pessoas ainda desconhecem este transtorno, outras a conhecem de maneira superficial ou até mesmo equivocada, como por exemplo, as pessoas que assistiram a algum filme ou série de TV no qual havia algum personagem com este transtorno, e logo foi chegando a conclusões erradas sobre isso, já que em filmes e séries, estas pessoas ganham “formas” muito diferentes do que elas realmente podem ter na vida real, e muitas vezes são retratadas apenas como pessoas geniais, que adoram matemática, e que vivem isoladas, em muitos casos vistas apenas como “Nerds”.

O interesse em estudar sobre este tema e as pessoas com este transtorno surge a partir do momento que entramos em contato com essas pessoas “na vida real”, e vemos bem de perto sua realidade, que é sem dúvida, diferente daquilo que é retratado na TV. Ao conviver com pessoas com TEA, vemos que estas pessoas nem sempre são aqueles gênios que todos dizem, e que na verdade, elas podem apresentar muitas dificuldades tanto na aprendizagem quanto na socialização.

Evidentemente, há uma grande importância em se estudar sobre a alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista (TEA), pelo fato de muitos profissionais da educação ainda não possuírem um conhecimento em torno do assunto, em muitos casos há professores que acabam deixando essas crianças à mercê de sua própria sorte, justamente por não saberem como lidar com elas, tratando-as como incapazes, ou até mesmo como crianças problemáticas, e com isso acabam deixando-as de lado.

Não posso deixar de compartilhar também minhas motivações pessoais para o desenvolvimento deste trabalho, sendo assim, me ponho a contar um pouco de minha história com o autismo. Eu nasci de um casal de idosos que já possuíam outros seis filhos o que faz de

mim o filho caçula. Quando nasci, minha mãe tinha quarenta e dois anos de idade e meu pai tinha sessenta e sete, é importante entender que o fato de eu ter nascido de pais idosos ajuda a compreender melhor essa história, quando minha mãe estava grávida de mim os médicos sempre a alertava dos riscos que há em ter um bebê nessa idade, tanto para a mãe quanto para a criança.

Avançando um pouco mais na história, quando eu comecei a estudar no ensino regular aos cinco anos de idade, muitas pessoas já percebiam que eu não era uma criança comum, eu ficava muito isolado e frequentemente brincava sozinho. Eu também tinha uma grande imaginação, claro que para uma criança isso não é algo estranho ou surpreendente, mas no meu caso, eu gesticulava muito enquanto imaginava minhas “histórias”, ria sozinho, falava sozinho, e isso do ponto de vista de muitas pessoas era muito estranho, mas ninguém nunca suspeitou que talvez eu pudesse ser mesmo diferente.

Na medida que fui crescendo, fui cada vez mais me sentindo um cara esquisito, claro que esse sentimento era ainda mais reforçado pela forma como as pessoas me olhavam torto, principalmente quando eu estava no meu “mundo”. O tempo foi passando e cada vez mais minhas suspeitas de que eu não era normal foi aumentando.

Na fase adulta, depois que me casei, fui incentivado pela minha esposa a fazer o curso de Pedagogia, o mesmo curso que ela estava concluindo naquela época. Eu não sabia o que eu queria estudar, eu nem tinha certeza se queria ou não fazer faculdade, mas o incentivo dela foi grande, ela até me levava para as aulas, e ao ver que a Pedagogia poderia me ajudar a solucionar minha dúvida sobre eu mesmo, aceitei estudar.

Fiz o ENEM, e no ano seguinte ingressei na UFMS para cursar Pedagogia. Logo quando entrei na universidade me inscrevi para fazer estágio remunerado. Então fui mandado para ser itinerante (um professor auxiliar) de um menino autista. Até então, eu só tinha ouvido falar nesse termo nos filmes, mas não fazia a menor ideia do que era. A medida que fui trabalhando com este menino, fui me apaixonando pelo trabalho, e também fui me identificando, pois, seu comportamento era muito semelhante ao meu quando era criança, com a diferença que ele tinha uma dificuldade muito grande na comunicação verbal, e eu não, eu sempre falei muito bem, mas tinha certa dificuldade na comunicação não verbal, que é a comunicação através de gestos e expressões corporais e faciais.

O tempo foi passando e muito suspeita de que eu poderia ser autista só aumentava, eu até cheguei a descartar essa possibilidade porque sempre achava alguma coisa que era diferente, que não batia, mas a suspeita sempre voltava quando eu descobria que esses detalhes existiam

no espectro, pois o autismo se manifestava em cada pessoa de forma diferente, e que inclusive diagnósticos tardios eram comuns, justamente pelo fato de que o autismo leve, por ser mais brando, era mais difícil de ser percebido.

Depois de um tempo tomei coragem e resolvi buscar um diagnóstico, achei uma profissional especialista em avaliações neuropsicológicas, fiz os testes e esperei uma semana para ter o resultado. Ela me ligou e me pediu para voltar ao consultório para me mostrar o resultado, então ela começou a falar sobre os testes e comparar a pontuação necessária para me classificar como autista. A profissional me mostrou a pontuação em cada um dos testes que fiz, e eram vários, obviamente, conforme ela ia falando fui descobrindo qual seria o resultado. Positivo para síndrome de Asperger (autismo leve).

Com o laudo em mãos, liguei para todo mundo da família para informá-los, ao mesmo tempo que um filme da minha vida passava diante dos meus olhos. Aquilo foi para mim uma das maiores revelações que tive na minha vida sobre eu mesmo. Minha visão de mundo mudou para sempre, e aqui estou, estudando cada vez mais sobre este tema, que obviamente não demorei nem um pouco para escolher, e nem preciso dizer o porquê. Portanto, de todos os motivos que tive para escrever este trabalho, a minha descoberta sobre mim foi o maior.

Segundo Schmidt (2016), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por uma série de dificuldades relacionadas à comunicação e à socialização, bem como problemas relacionados à coordenação motora. De acordo com Souza, Marques e Pereira (2018), as crianças com espectro autista sentem a necessidade de ficarem sozinhas, e consideram qualquer fator externo algo assustador.

Há também a necessidade de seguir uma rotina diária, o que acaba dificultando o trabalho dos professores, por gerar certa restrição nas atividades, já que é importante manter a inovação principalmente no método lúdico. Souza, Marques e Pereira (2018), também destacam que as crianças autistas possuem certa sensibilidade sensorial, principalmente relacionada ao som.

Por se tratar de um tema relacionado à alfabetização, o nível de ensino escolhido foi o Ensino Fundamental I, em que ocorre a alfabetização das crianças, isto é, o processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

É sabido que os professores enfrentam muitas dificuldades ao alfabetizar crianças com o TEA, já que elas possuem um comportamento diferente dos outros, que muitas vezes servem de obstáculo para sua alfabetização e cada um pode possuir um nível diferente deste transtorno,

sendo assim, as dificuldades variam muito de criança para criança, e a forma como devemos lidar com eles também deve mudar.

O que acontece, é que cada nível de autismo apresenta sintomas que podem ser mais fortes ou fracos, por exemplo, o autismo leve não prejudica tanto o sistema cognitivo, e as crianças com este nível não possuem sintomas tão afluídos quanto os que possuem graus mais severos.

De acordo com Souza, Marques e Pereira (2018), as crianças com transtorno do espectro autista também chamado de “TEA”, não possuem nenhum tipo de deficiência física, porém possuem dificuldades em se relacionarem socialmente com outras pessoas e tendem a viver de maneira isolada, em um mundo fechado e próprio, também apresentam muitas dificuldades na comunicação e não conseguem fixar seu olhar diretamente ao olhar de outras pessoas, principalmente durante um diálogo.

Todas as crianças precisam passar pelo processo de alfabetização, no qual aprendem a ler e a escrever, além de ampliar seu vocabulário, pois durante esse processo aprendem novas palavras, e como usá-las em frases e diálogos e assim vão aprendendo cada vez mais a se comunicarem melhor com as outras pessoas.

Com as crianças que fazem parte do espectro autista não é diferente, pois também precisam passar pelo mesmo processo, porém, estes indivíduos não pensam como as outras crianças e muito menos agem como elas, por esse motivo os professores alfabetizadores muitas vezes acabam encontrando muitos obstáculos pelo caminho, como por exemplo o fato de essas crianças não se comunicarem muito bem e muitas vezes parecerem distantes ou completamente desligadas do que está acontecendo naquele momento na sala de aula.

Algumas questões podem ser levantadas ao tratarmos desse tema, tais como: Os métodos que estão sendo utilizados são adequados às peculiaridades da criança? Os educadores estão preocupados em desenvolver ferramentas que facilitam a aprendizagem destas crianças?

O objetivo geral deste estudo é investigar o processo ensino/aprendizagem das crianças com “TEA”, bem como os melhores métodos e estratégias disponíveis para serem utilizadas em sala de aula pelos professores na alfabetização. Quanto aos objetivos específicos: listar os principais métodos educacionais voltados para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA); quais foram os idealizadores destes métodos bem como a motivação encontrada para desenvolvê-lo.

O estudo realizado se classifica como pesquisa bibliográfica, no qual pretendeu-se obter resultados através de pesquisas bibliográficas acerca dos melhores e mais atuais métodos

de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O estudo foi desenvolvido utilizando-se de documentos oficiais e de fontes consideradas confiáveis disponíveis, em sua maioria, no Google Acadêmico.

Atualmente há diversos métodos específicos que servem para a educação de crianças com TEA, mesmo assim é possível encontrar alguns obstáculos ao embarcar neste trabalho como por exemplo a falta de conhecimento por conta de muitos profissionais e também o fato de ainda existir muitos preconceitos e negligências que precisam ser superadas, contudo, há também muitos profissionais que trabalham arduamente para dar a essas crianças a educação digna que elas merecem e precisam.

O presente estudo pode beneficiar em primeiro lugar os professores, que poderão utilizar-se deste estudo para se informar mais sobre o processo ensino/aprendizagem de crianças com TEA, e também pode servir de informativo para pais de crianças com este transtorno, bem como para terceiros que possam vir a se interessar pelo assunto, seja para trabalhos acadêmicos ou para criações de novos estudos.

## **2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A princípio há determinada dificuldade por parte das instituições de ensino em incluir as crianças com transtornos, e isso gera dificuldades no processo ensino/aprendizagem das crianças com TEA. Segundo Capellini e Rodrigues (2009, p. 357) “O princípio da inclusão começa, então, a exigir uma nova escola e uma nova sociedade, com atitudes e posturas diferentes, de maneira a garantir o direito ao acesso e permanência na escola e o direito de ser diferente sem ser rotulado, discriminado ou segregado”. Sendo assim, uma vez incluído, a criança se sentirá mais à vontade para aprender, totalmente livre de preconceitos.

De acordo com Mathias (2017) a dificuldade na alfabetização das crianças com TEA se torna ainda maior quando se trata de crianças que não haviam tido nenhum contato com qualquer tipo de entidade educacional antes, e vão para a escola pela primeira vez sem saber o que as crianças que já haviam passado por lá antes sabem, ou seja, crianças cujo processo de aprendizagem se encontra em atraso.

Sendo assim, é relevante tratar sobre este tema por conta das dificuldades que são encontradas até hoje pelos professores, pelos pais e principalmente pelos alunos ao serem alfabetizados nas escolas públicas onde encontramos educadores muitas vezes sem qualquer tipo de formação especial para lidar com essas crianças.

A palavra autismo vem do grego, no qual “autos” significa “si mesmo”, e “ismo” significa disposição/orientação, dessa forma autismo significa, à grosso modo, “à disposição de si mesmo” ou “disposto a si mesmo”. As crianças com “TEA” também podem apresentar sentidos bastante sensíveis às percepções que para nós são comuns e normais. Essas crianças podem apresentar sensibilidade à luz, ao som, ao toque e até mesmo à cheiros. (SOUZA; MARQUES; PEREIRA (2018. p. 3).

O transtorno do espectro do autista é um distúrbio neurológico que gera problemas de comunicação e de relações sociais, entre outros sintomas, Mathias (2017, p. 2) diz o seguinte a respeito do TEA, “O autismo ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um distúrbio do desenvolvimento caracterizado por dificuldades de comunicação oral, de interação social e de presença de movimentos repetitivos e estereotipados”. Carlo Schmidt, diz o seguinte a respeito do TEA:

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) envolve um conjunto de transtornos neurodesenvolvimentais de causas orgânicas, caracterizado por dificuldades de interação e comunicação que podem vir associadas a alterações sensoriais, comportamentos estereotipados e/ou interesses restritos. Sua manifestação é muito diversa e seus sinais, embora comumente presentes na infância, podem surgir somente quando as demandas sociais extrapolarem os limites de suas capacidades (SCHMIDT, 2016, p. 223).

Segundo Monte (2004), o transtorno do espectro do autista possui uma série de características únicas e peculiares, essas características ou sintomas, podem ser mais marcantes em certos indivíduos com este transtorno do que em outros, tudo depende do grau de autismo que o indivíduo tem, dentre os principais sintomas de pessoas com TEA, podemos destacar, dificuldade em olhar nos olhos, dificuldade em se relacionar socialmente com outros indivíduos, sensibilidade à luz, ao som, ao toque, movimentos repetitivos e estereotipados como por exemplo: bater palmas, estalar os dedos, mover a cabeça para um lado e para outro sem parar, balançar o corpo como um pêndulo para frente e para trás ou para os lados, enfim.

Ferreira (2018), também destaca que ainda não há um conhecimento pleno acerca das verdadeiras causas do autismo, por essa razão o TEA ainda é tratado como uma condição de caráter multifatorial, ou seja, pode ter diversas causas para eles, a literatura geralmente define este transtorno como provindo de causas hereditárias e/ou por fatores ambientais.

De acordo com Baptista e Bosa (2002), não há uma cura para o TEA, porém há alguns medicamentos e tratamentos que podem ser utilizados para amenizar alguns sintomas específicos deste transtorno, como a hiperatividade, a ansiedade, a agressividade ou até mesmo a dificuldade em lidar com a frustração, dentre os medicamentos utilizados podemos destacar

Clozapina, Risperidona e Aripiprazol, é importante ressaltar que estes medicamentos só podem ser utilizados sob prescrição médica.

## **2.1 - A inclusão de crianças com “TEA” em salas de ensino regular**

Integrar não é incluir, quando integramos alguém o que fazemos é basicamente colocar uma pessoa dentro de um determinado grupo social, mas neste grupo, essa pessoa pode muito bem, estar excluída de suas atividades. Incluir, por outro lado, não é só adicionar mais uma pessoa a um determinado grupo social, mas também garantir que esta pessoa será um membro deste grupo e que participará de suas atividades.

No contexto escolar, quando falamos em integrar e incluir, estamos falando em, inicialmente, adicionar mais uma criança em determinada sala de aula, enquanto incluir, diz respeito a fazer com que esta criança seja tratada de forma a se sentir parte igual no conjunto de crianças que compõem a sala de aula.

Mas como fazer para incluir as crianças com TEA? Monte (2004, p. 25) nos dá algumas dicas de como podemos fazer isto. Ela diz que “para viabilizar a inclusão na escola regular é indispensável contar com salas de apoio e professores especializados para que seja realizado com êxito a inclusão desses alunos”. Ela complementa sua fala dizendo que:

Esse professor especializado não necessita ser exclusivo de uma escola, podendo atender a um grupo de escolas, mas deve ser especializado e saber realizar avaliações, organizar sistemas de trabalho, avaliar sua eficiência, avaliar problemas de comportamento e definir estratégias, mas principalmente deve saber demonstrar, atuando diretamente com a criança, tudo que quer transmitir ao professor, seja este de uma sala especial ou de uma sala de ensino regular (MONTE, 2004, p. 25).

Monte (2004) também defende a utilização de um novo método para auxiliar no tratamento e na educação de crianças com TEA, este método é chamado de TEACCH, que é uma sigla em inglês para “Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children”, que significa Tratamento e educação de crianças autistas e com deficiência de comunicação relacionada.

Monte (2004) ainda faz menção à um teste desenvolvido pelo centro TEACCH, teste esse que é chamado de PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado), este teste serve para avaliar o coeficiente de desenvolvimento de crianças com TEA, e se assemelha aos famosos testes de QI, a resposta dada pelo teste é à idade cronológica equivalente ao índice de desenvolvimento do aluno.

Certamente que, a inclusão das crianças com TEA em sala de aula regular, é muito importante para seu aprendizado, já que, uma vez incluso, receberá a atenção necessária para

que seja feito o processo ensino/aprendizagem, pois as atividades utilizadas com as crianças serão estruturadas de forma a focar em suas necessidades, e ao mesmo tempo atender também às necessidades de seus colegas de classe.

Lidar com as diferenças que as demais crianças podem encontrar entre elas e a criança com necessidade de atendimento especializado, a princípio não é necessário preparar a sala para a recepção desse aluno, pois isto pode desencadear fantasias por parte dos demais alunos, o que pode levar ao preconceito.

As perguntas frequentes feitas pelos alunos em relação à criança com necessidade de atendimento especializado devem ser respondidas sem acrescentar mais nada, e ficar atento ao surgimento de situações que geram rejeição, e sempre conversar com as crianças que estão causando estas situações, se porventura todas as crianças estiverem gerando essas situações, então o professor deverá organizar uma reunião para conversar com toda a sala (MONTE, 2004).

## **2.2 - O processo de alfabetização de crianças com TEA e seus desafios**

Alfabetização é o processo em que as crianças aprendem a ler, escrever e contar, de acordo com sua língua materna, no caso do Brasil, a língua Portuguesa. Naturalmente há desafios a serem enfrentados pelos professores ao alfabetizar crianças neurotípicas<sup>3</sup>, já em relação às crianças neuroatípicas<sup>4</sup>, neste caso crianças com TEA, estes desafios são ainda maiores.

De acordo com Mathias (2017), a dificuldade na alfabetização das crianças com TEA se torna ainda maior quando se trata de crianças que não haviam tido nenhum contato com qualquer tipo de entidade educacional antes, e vão para a escola pela primeira vez sem saber o que as crianças que já haviam passado por lá antes sabem, ou seja, crianças cujo processo de aprendizagem se encontra em atraso.

Bastos (2018) fala um pouco a respeito dessas dificuldades encontradas pelos professores durante o processo ensino/aprendizagem das crianças com “TEA”. Ela diz que:

As perguntas mais frequentes de professores de alunos com TEA costumam ser: “como trabalhar se não somos especializados no transtorno?”, “como alfabetizar uma criança que não se interessa pela leitura e pela escrita e só tem interesse

---

<sup>3</sup> Neurotípicas são pessoas que não possuem nenhum tipo de condição neurológica que a faz ser diferente. Isto seria o equivalente às pessoas ditas “normais” segundo o senso comum.

<sup>4</sup> Neuroatípicas ou neurodiversas são as pessoas que possuem alguma condição neurológica que a faz ser diferente tais como autismo, TDAH, dislexia, discalculia, disgrafia, etc.

em matemática?” Ou “como ensinar o conteúdo a um estudante que não me dirige a palavra nem o olhar?”. Essas inquietações têm, como pano de fundo, o discurso pedagógico tradicional que atrela o educar às noções de desenvolvimento oriundas do campo da psicologia (BASTOS, 2018, página única).

Portanto, segundo Bastos (2018) os professores alfabetizadores ainda tentam se utilizar de métodos tradicionais, e isso o atrapalha bastante pois as crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) não conseguem aprender dessa maneira.

Souza, Marques e Pereira (2018) trazem em seu artigo a ideia de que a ludicidade pode auxiliar as crianças com “TEA” em seu processo de aprendizagem. Elas dizem que:

[...] podemos compreender que em virtude das dificuldades de aprendizagem das crianças que possuem TEA, a atividade lúdica pode ser vista muito além de uma apenas brincadeira ou diversão, ela tem uma função de extrema importância para o desenvolvimento motor, imaginário cognitivo e também social da criança (SOUZA; MARQUES; PEREIRA. 2018. p. 6)

Desta forma, percebemos a importância de se utilizar de ludicidade para educar as crianças com o transtorno do espectro autista.

### **3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O estudo realizado se classifica como pesquisa bibliográfica, onde pretendeu-se obter resultados através de pesquisas bibliográficas com o intuito de destacar os principais e mais atuais métodos educacionais desenvolvidos especialmente para pessoas com TEA.

Quanto à descrição do método que será abordado, Will Ludwing (2014) diz o seguinte a respeito do mesmo: “A pesquisa qualitativa, por sua vez, leva em conta a junção do sujeito com o objeto e busca fazer uma exposição e elucidação dos significados que as pessoas atribuem a determinados eventos” (LUDWING, 2014, P. 205). Ele completa sua fala enfatizando que:

[...] os profissionais da área de Educação que se dedicam às tarefas investigatórias têm à sua disposição as técnicas de pesquisa, ou seja, os recursos específicos que tornam possível empregar um método escolhido e concorrem para o alcance dos objetivos da investigação. São elas: a observação, o questionário, a entrevista e a análise documental. Existem, ainda, certos recursos tecnológicos, como a máquina fotográfica, a filmadora, o gravador etc., que são empregados com frequência na pesquisa educacional, quando essas técnicas estão sendo utilizadas, e cujo uso obedece a determinadas normas (LUDWING, 2014, p. 205).

Com o intuito de melhor atender as necessidades das pessoas autistas durante seu processo ensino/aprendizagem, foram desenvolvidas diversas formas de avaliação para verificar as principais dificuldades de cada indivíduo autista bem como formas de intervir e ajudar o autista a superar essas dificuldades.

Uma forma bastante conhecida de ajudar o indivíduo autista a superar seus desafios sociais são as famosas terapias. Dentre elas podemos destacar a TCC, Terapia Cognitivo Comportamental, que é um método bastante utilizado. Há ainda formas de intervenções como a Arte terapia e a Musicoterapia, também bastante conhecidas, uma vez que essas formas de tratamento ajuda o autista a desenvolver seu sistema cognitivo, melhorando também sua coordenação motora e sua capacidade de regular suas emoções.

#### **4 - RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA**

Graças as mudanças ocorridas na Lei 13.977/2020, também chamada de Lei Romeo Mion em homenagem ao filho do apresentador Marcos Mion, que altera a Lei 12.764/12 que diz que a pessoa com autismo é considerada pessoa com deficiência para todos os efeitos legais, permitiu-se criar a CIPTEA, dentre outros documentos locais que auxiliam a pessoa autista a conseguir exercer seus direitos sem muitas dificuldades.

Há disponível em alguns estados brasileiros com São Paulo, Minas Gerais e Paraná a CIPTEA (Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista) que é um documento com foto, nome, CPF e o CID do laudo médico que indica o a presença do transtorno na pessoa em questão. No entanto este documento é emitido pelo governo do estado e, portanto, tem validade somente no estado em que foi emitido.

Infelizmente não é possível a emissão deste documento em todos os estados brasileiros, como por exemplo nos estados do centro oeste, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, entretanto há outros tipos de “carteirinha do autista” disponíveis nesses estados que também tem valor regional.

No entanto há outras opções de se possuir um documento para identificação da pessoa com TEA, como por exemplo a adição do CID que indica o TEA contido na própria carteira de identidade do indivíduo, além de opções de documentos emitidos pelo município em

associações municipais de pessoas com deficiência. Há também o cartão emitido pelo DETRAN perante apresentação de laudo médico, este dando ao seu portador a liberdade de usufruir de vagas especiais.

Já em relação aos métodos de intervenção educacional para autistas, segue abaixo uma lista contendo os principais bem como uma descrição e uma análise destes métodos.

**Quadro 1:** Métodos, autores, ano e características dos respectivos métodos.

<b>MÉTODO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
PANDOVAN	Beatriz Padovan	1964	O Método Padovan recapitula o processo de aquisição do Andar, Falar e Pensar de maneira dinâmica, estimulando a maturação do Sistema Nervoso Central, com intuito de tornar o indivíduo apto a cumprir seu potencial genético e a adquirir todas as suas capacidades, tais como locomoção, linguagem e pensamento.
<b>MÉTODO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
TEACCH - Tratamento e Educação Relacionados a Problemas de Comunicação	Schopler e seus colaboradores.	1966	O ensino estruturado, que visa a buscar a organização do ambiente por meio das rotinas e atividades como forma de ensino e orientação para novas habilidades funcionais. O foco do tratamento é melhorar a adaptação, principalmente quando se sentem aflitos com mudanças, salientando seus pontos fortes.
SON - RISE	Barry e Samahria Kaufman	1970	É uma abordagem que usa as motivações específicas de cada criança para lhes ensinar as competências que necessitam de adquirir. Desta forma, a criança participa espontaneamente, sendo que o período de atenção interativa aumenta, o que resulta num alargamento das suas competências.
TIS - Terapias de Integração Sensorial	A. Jean Ayres	1972	Estabelecem a estimulação sensorial, com atividades lúdicas, jogos e brincadeiras que gradativamente se tornam mais desafiadoras e complexas. Seu objetivo é desenvolver no autista um nível crescente de alerta e ativação à medida que vai se deparando com diferentes informações de estímulos.

FLOORTIME - Tempo de chão.	Stanley Greenspan e Serena Wieder	1980	Seu objetivo é construir os alicerces para as competências sociais, emocionais e intelectuais das crianças, ao invés de focar nas competências e nos comportamentos isolados. O Floortime (tempo de chão) trata-se de uma técnica em que o terapeuta segue os interesses emocionais da criança ao mesmo tempo em que a desafia a ir em direção ao maior domínio das capacidades sociais, emocionais e intelectuais. ou seja, usa o que a criança inicia para expandir.
ABA - Análise Aplicada do Comportamento.	Ole Ivar Lovaas	1987	Visa ensinar à criança autista habilidades que ela não possui, por meio de etapas associadas a instruções ou indicações. O ABA tem por objetivo tornar o aprendizado prazeroso para a criança e ensiná-la a reconhecer diferentes estímulos.
<b>MÉTODO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
PECS - (Picture Exchange Communication System	Andrew S. Brondy e Lori Frost	1993	Utiliza-se de objetos, palavras impressas, imagens ou combinações dos envolvidos e alguma forma de auxílio físico, como placas de comunicação, livreto e exibição dos materiais visuais. A associação entre símbolos e atividades facilita tanto na compreensão quanto na comunicação.
SCERTS - Social Communication, Emotional Regulation & Transactional Support	Amy Laurent	2006	Não é uma técnica terapêutica; em vez disso, é um modelo para envolver crianças autistas que, quando adequadamente aplicado, "fornece diretrizes específicas para ajudar uma criança a se tornar um comunicador social competente e confiante, evitando comportamentos problemáticos que interferem no aprendizado e no desenvolvimento de relacionamentos".
AMMT - Treinamento para Mapeamento Auditivo-Motor	Grandin e Panek	2015	Estimular a produção da fala, treinando o indivíduo a experimentar a relação entre falar, em tons diferentes, no momento em que tocavam um tambor com som afinado.

Fonte: Criado pelo autor (2022).

Estes são alguns dos diversos métodos, técnicas e intervenções de terapia e reabilitação de pessoas com TEA. Como percebido, a maioria deles foram criados antes dos anos 2000 e vem sendo atualizados por diversos pesquisadores desde então. A intervenção precoce e intensiva é fundamental para melhorar as habilidades de comunicação, socialização e comportamento das crianças com TEA" (Monte, 2004).

É possível perceber que cada método possui dificuldades específicas como foco para desenvolver na pessoa autista, o método ABA por exemplo, que é um dos métodos mais utilizados por profissionais da educação especial, tem como objetivo principal trabalhar, a capacidade de aprendizado das pessoas autistas, ensinando a ele habilidades que ele não tem. "As abordagens baseadas em evidências, como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e a terapia ocupacional, têm sido amplamente utilizadas como uma abordagem eficaz para melhorar as habilidades sociais, comunicativas e comportamentais das crianças com TEA" (Fialho, 2017).

Sabemos que por conta do hiperfoco os autistas tendem a ficarem sempre em uma mesmice em relação a suas habilidades, e apesar do ponto positivo do hiperfoco, que é fazer com que a pessoa autista desenvolva certas habilidades específicas, há também os pontos negativos, pelo fato dos autistas ficarem sempre focados demais em algo específico, ele pode ter grandes dificuldades em aprender outras coisas importantes que não faz parte de seu hiperfoco principal. "É importante que a intervenção seja realizada em parceria com a pessoa, levando em consideração suas preferências e interesses, para garantir que a mudança seja sustentável e eficaz." (Mathias, 2017).

Isto se dá pelo fato de as pessoas autistas estarem sempre pensando e fazendo justamente a atividade de seu interesse, deixando de lado outras atividades, o que gera grandes prejuízos em seu desenvolvimento. Sendo assim, o ABA trabalha justamente para ajudar o autista a superar isto e ser capaz de se desenvolver de maneira uniforme em relação as habilidades necessárias para se ter uma vida mais próxima do normal possível.

Da mesma forma que o ABA trabalha em cima da dificuldade do autista em se desenvolver de forma uniforme, outros métodos trazem como objetivo outras dificuldades do autista, como o método AMMT que utiliza a música como ferramenta principal para desenvolver a capacidade de fala e comunicação nos autistas.

O Treinamento de Mapeamento Auditivo-Motor (AMMT, na sigla em inglês) é uma abordagem terapêutica que tem como objetivo melhorar a comunicação e a linguagem em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), através do aprimoramento do processamento auditivo-motor e da integração sensorial. (MERZENICH e TALLAL, 2004)

Um fato sobre a comunicação dos autistas, é que estes apresentam diversas dificuldades de expressarem o que pensam e o que sentem, e também possuem dificuldades de interpretação de linguagem não verbal, como as expressões faciais por exemplo. Outro fato que os autistas tendem a não possuir muito controle de seu tom de voz, e muitas vezes se expressam de forma que acaba sendo vista por outras pessoas como rude.

Através do Treinamento de Mapeamento Auditivo-Motor (AMMT, na sigla em inglês), é possível trabalhar estas habilidades, ajudando o autista a desenvolver controle na entonação vocal, e também a habilidade de interpretação de expressões através da dança e do movimento do corpo num sentido geral.

Enfim, são diversas as dificuldades apresentadas pelas pessoas com TEA, e cada um dos métodos apresentados no quadro acima toma dificuldades específicas para trabalhar, já que trabalhar todas as dificuldades em um único método seria algo quase que impossível, uma vez que cada dificuldade necessita de atenção especial e muito trabalho suado para ser superado, nada que não seja possível de ser feito. Possível é, só precisamos fazer a abordagem certa e logo os resultados virão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho apresentado teve como objetivo principal explorar os métodos utilizados na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que se teve como inspiração o fato de as crianças com este tipo de transtorno ainda serem um tanto quanto ignoradas na educação brasileira, isto é, apesar dos métodos e demais estudos disponíveis, ainda há negligência por parte de algumas instituições bem como de profissionais da educação em dar a essas crianças uma maior atenção tendo em vista suas dificuldades no processo ensino/aprendizagem.

Como visto no trabalho, há uma grande variedade de métodos e técnicas de educação voltada para autistas, mesmo que tendo sido criados a bastante tempo, alguns a mais de 50 anos, estes métodos vêm sendo utilizados e atualizados por diversos pesquisadores e profissionais que atuam na área. Claro que, infelizmente não é possível dizer que todas as instituições brasileiras se utilizam desses métodos para proporcionar melhor educação para as pessoas dentro do espectro, no entanto, vale ressaltar que apesar disso, ainda pessoas que buscam maior conhecimento para melhor atender essas pessoas.

Diante disso, percebo a importância de se produzir este trabalho, sendo assim concluindo que a educação voltada a crianças especiais existe, e está em constante crescimento uma vez que há grande necessidade de intervir, através da educação, no processo de tratamento das crianças com Transtorno do Espectro Autista.

## 7. REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e educação-reflexões e propostas de intervenção**. Artmed Editora, 2002.

BASTOS, Marise Bartolozzi. Escrita e Alfabetização de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). In: **Instituto Rodrigo Mendes, DIVERSA**. 2018. Acesso em 10 maio 2020.

CIPTEA - Carteira de Identificação da Pessoa com TEA. Disponível em: <https://faders.rs.gov.br/carteira-de-identificacao-da-pessoa-com-transtorno-do-espectro-autista-ciptea> Acesso em: 30 de maio 2023.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. Concepções de professores acerca dos fatores que dificultam o processo da educação inclusiva. **Educação**, v. 32, n. 3, p. 355-364, 2009.

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; SHIBUKAWA, Priscila Hikaru; RINALDO, Simone Catarina de Oliveira. Prática Pedagógica Colaborativa na Alfabetização do Aluno com Transtorno do Espectro Autista. In: **Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207**. 2016. p. 87-94.

FERREIRA, Renata de Souza Capobiango. Transtorno do Espectro Autista. **A Neurociência e a Educação: Como nosso cérebro aprende?** p. 28, 2018.

MATHIAS, Sérgio Larruscaim. O processo de alfabetização no ensino regular: atendimento a criança com autismo. **Revista Magsul de Educação da Fronteira**, v. 2, n. 1, p. 82-132, 2017.

MONTE, Francisca Roseneide Furtado do. **Saberes e Práticas da Inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem, autismo**. Brasília. MEC, SEESP. 2004.

SCHMIDT, Carlo et al. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicologia: teoria e prática**, v. 18, n. 1, p. 222-235, 2016.

SOUZA, Maria Eduarda da Silva; MARQUES, Tayna Lurdiane L.; PEREIRA, Ângela Maria Almeida. A Alfabetização de Crianças Autistas Através da Ludicidade. In: **Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – FAINTVISA**. 2018. p. 1-12.

WILLUDWIG, Antônio Carlos. Métodos de pesquisa em educação. **Universidade Federal da Paraíba. Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 2, p. 204, 2014.

ONZI, Franciele Zanella; DE FIGUEIREDO GOMES, Roberta. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, 2015.

MERZENICH, M. M., & TALLAL, Paula (2004). O Treinamento de Mapeamento Auditivo-Motor e sua aplicação em crianças com transtornos do desenvolvimento. *Autism Research and Treatment*, 1(2), 109-117.